



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH VI
COLEGIADO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS

ELAINE SILVA DE SOUZA

UMA ANÁLISE PARA ALÉM DO “FELIZES PARA SEMPRE”: ESTEREÓTIPOS E A
EVOLUÇÃO FEMININA NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E
CONTEMPORÂNEOS

Caetité, BA

2025

ELAINE SILVA DE SOUZA

**UMA ANÁLISE PARA ALÉM DO “FELIZES PARA SEMPRE”: ESTEREÓTIPOS E A
EVOLUÇÃO FEMININA NOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS E
CONTEMPORÂNEOS**

Trabalho apresentado ao Colegiado de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências de Humanas, Campus VI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a conclusão do componente curricular Seminário Interdisciplinar de Pesquisa VII.

Orientadora: Prof.^a Valquíria Dias de Almeida

Caetité, BA

2025

RESUMO

Resumo: Este estudo tem a finalidade de examinar de maneira aprofundada os processos de construção de estereótipos nos contos de fadas, compreendendo que essas narrativas, ao longo do tempo, funcionam como dispositivos simbólicos que difundem modelos de comportamento, padrões de feminilidade e expectativas sociais acerca do papel da mulher. Com esse propósito, desenvolve-se uma análise comparativa entre o conto tradicional Cinderela e o conto contemporâneo A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana, buscando compreender de que maneira se configuram as representações estereotipadas atribuídas às personagens femininas nas narrativas clássicas e em que medida as versões modernas promovem rupturas, deslocamentos ou permanências dessas construções. A investigação é orientada pela abordagem qualitativa, uma vez que se estrutura na leitura, interpretação e problematização de textos literários, estudos acadêmicos e produções críticas que fundamentam a discussão teórica e possibilitam o exame minucioso da linguagem e das imagens que conformam o imaginário social sobre as princesas. Para sustentar a análise, recorreremos aos estudos de Carla Nicácio Costa (2013), Carolina Schneider Menezes (2017), Andressa Castro de Souza (2017), Aparecida Zambon (2009) e Jennifer Oliveira dos Santos (2020), cujas contribuições permitem compreender tanto a lógica histórica que molda os contos tradicionais quanto os movimentos contemporâneos de ressignificação. Com este trabalho, buscamos evidenciar de modo claro como os contos de fadas clássicos apresentam figuras femininas idealizadas e submetidas às expectativas da mentalidade de épocas anteriores e, ao mesmo tempo, apontar as transformações que emergem nas narrativas modernas, nas quais a representação da princesa passa a dialogar com autonomia, protagonismo e diversidade.

Palavras-chave: Contos de Fadas; A mulher princesa; Estereótipos.

1 Introdução

A presença dos contos de fadas na educação infantil ocupa lugar central no processo de formação leitora e no desenvolvimento da sensibilidade estética das crianças, já que essas narrativas, transmitidas por gerações, incorporam modos de compreender o mundo e influenciam a constituição dos valores, expectativas e imaginários sociais que se formam desde cedo.

Quando observamos esses contos de maneira mais atenta, percebemos que grande parte deles apresenta imagens femininas estereotipadas que projetam uma visão idealizada da mulher, frequentemente associada à passividade, ao silêncio e à subordinação em relação às figuras masculinas. Além disso, é possível notar que muitas dessas histórias estabelecem relações simbólicas que aproximam feiura e maldade, ao mesmo tempo em que vinculam beleza e bondade, reforçando hierarquias morais e sociais baseadas na aparência, no comportamento e na adequação ao modelo feminino hegemônico de épocas passadas.

Nos últimos anos, esse modo de representar as personagens femininas tem sido problematizado por pesquisadoras, escritores e cineastas que buscam construir novas narrativas capazes de questionar perspectivas tradicionais e de ampliar as possibilidades de identificação da criança com figuras femininas plurais, autônomas e diversas. Nesse contexto, este estudo considera oportuno investigar como esses estereótipos foram historicamente construídos e como vêm sendo desconstruídos na literatura infantil contemporânea, analisando as permanências e transformações que atravessam a figura da princesa ao longo do tempo.

Com essa finalidade, o estudo tem como objetivo geral analisar as personagens femininas no conto tradicional Cinderela, na versão de Charles Perrault, e no conto contemporâneo A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana, produzido por Ron Clements e John Musker, buscando compreender a configuração dos estereótipos femininos nos contos de fadas clássicos e verificar em que medida as narrativas modernas promovem deslocamentos, revisões ou rupturas dessas representações. Para alcançar esse objetivo, foram definidos três objetivos específicos que orientam o percurso analítico. O primeiro consiste em identificar os estereótipos predominantes nas representações femininas presentes no conto Cinderela, observando elementos como passividade, idealização da beleza, dependência masculina e submissão às normas sociais.

O segundo tem a finalidade de investigar como A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana, apresenta suas personagens femininas, destacando aspectos que permitem ou não a desconstrução dos estereótipos tradicionais. O terceiro busca avaliar como essas representações dialogam com transformações sociais mais amplas acerca do papel da mulher e de que maneira os contos de fadas influenciam a construção de valores e comportamentos desde a infância.

Para organizar a discussão, o artigo foi estruturado em quatro seções principais que abordam as origens dos contos de fadas, a formação histórica dos estereótipos femininos nas narrativas tradicionais e a análise dos contos selecionados, finalizando com a apresentação das considerações conclusivas. A escolha desse tema surgiu tanto do interesse pessoal construído ao longo da formação acadêmica, sobretudo nas vivências nos componentes Estudo de Textos Populares e O Estético e o Lúdico na Literatura Infanto Juvenil, quanto pela relevância social e acadêmica da discussão sobre a representação da mulher na literatura e na cultura de massa.

Ao propor uma reflexão crítica sobre as imagens femininas nos contos de fadas, o estudo insere-se nos debates contemporâneos que investigam os discursos simbólicos responsáveis pela manutenção de papéis de gênero e pela formação identitária das crianças e adolescentes.

A análise da narrativa de Cinderela é justificada por sua força simbólica e por sua permanência no imaginário coletivo, já que apresenta a figura da princesa moldada pelos valores do contexto europeu tradicional, onde beleza, docilidade e obediência constituem atributos centrais da personagem feminina idealizada. A narrativa de A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana, por sua vez, permite observar um movimento distinto, no qual a figura da princesa se afasta da imagem passiva e dependente e se aproxima de protagonismos mais alinhados à autonomia, ao trabalho, ao esforço pessoal e à afirmação identitária, especialmente pelo fato de Tiana ser a primeira princesa negra produzida pelos estúdios Disney.

Trabalhar com essas duas narrativas possibilita refletir sobre como os contos influenciam a percepção das crianças sobre si mesmas, sobre a feminilidade e sobre o papel da mulher no mundo, ampliando a capacidade de leitura crítica das representações simbólicas construídas pela literatura. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com ênfase na análise de conteúdo de caráter comparativo, tomando como corpus os contos Cinderela e A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana,

com atenção à construção física e comportamental das personagens femininas e às permanências ou rupturas observadas entre as duas obras.

A fundamentação teórica apoia-se nos estudos de Carla Nicácio Costa, que contribui para a compreensão das origens dos contos de fadas, de Carolina Schneider Menezes e Andressa Castro de Souza, que analisam a representação das novas princesas e os processos de deslocamento dos estereótipos relacionados à beleza, à passividade e à dependência masculina, de Aparecida Zambon, que discute o conceito de estereótipos, e de Jennifer Oliveira dos Santos, que trata da relevância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil.

Com esta investigação, esperamos colaborar para o debate sobre a construção social e literária da imagem da mulher nas narrativas destinadas à infância, ressaltando o papel da literatura na formação crítica das crianças e a importância de abordagens que favoreçam práticas educativas mais equitativas e sensíveis às questões de gênero. A análise comparativa realizada permite observar transformações significativas na forma como as princesas são representadas, revelando, ao mesmo tempo, avanços e permanências no imaginário social que continua a acompanhar novas gerações de leitores.

2 Contos de Fadas: Origem, Transmissão e Transformações

Comunicar-se constitui uma necessidade intrínseca ao ser humano desde os primórdios da civilização, pois é pela troca de experiências, saberes e sentimentos que as comunidades se reconhecem, preservam memórias e constroem sentidos coletivos. Os contos, cuja base está profundamente enraizada na tradição oral, surgiram como forma de compartilhar vivências, costumes e ensinamentos, sendo transmitidos de geração em geração, especialmente em momentos de convivência familiar ou nas longas noites em que a escuridão convidava à reunião em torno da palavra narrada. Essas histórias, criadas para entreter, educar e fazer o tempo passar, constituíam um patrimônio cultural que se mantinha vivo na voz dos que as contavam e no imaginário dos que as ouviam. No entanto, muitas dessas narrativas desapareceram ao longo dos séculos, pois não foram registradas por escrito, permanecendo vulneráveis ao esquecimento e às transformações impostas pelo tempo.

A esse respeito, Jennifer Oliveira dos Santos destaca que:

A literatura infantil tem sua origem, em um primeiro momento, com as tradições orais. As histórias contadas em família para as crianças, histórias dos avós fazem, também, enriqueceram a literatura infantil. Muitas dessas tradições lendárias não foram escritas, mas isso não faz com que percam seu valor (Santos, 2020, p.14).

Como afirma Santos, essas tradições não perdem seu valor pelo fato de não terem sido documentadas, pois representam a base da literatura infantil e constituem a matriz cultural de inúmeras narrativas posteriores.

O esquecimento que recaiu sobre muitos desses contos motivou o trabalho de pesquisadores, escritores e contistas que se dedicam a recuperar histórias antigas, ainda preservadas no âmbito da oralidade, registrando-as para impedir que desapareçam definitivamente. Esse movimento de resgate tem importância significativa, pois garante que narrativas ancestrais sejam preservadas, reinterpretadas e transmitidas às novas gerações, fortalecendo a memória cultural e ampliando a compreensão das formas como diferentes sociedades organizam seus imaginários e constroem seus simbolismos.

É necessário lembrar que, em seus primórdios, não existia uma literatura destinada especificamente às crianças, já que a infância não era vista como uma fase autônoma do desenvolvimento humano. As crianças eram percebidas como adultos em miniatura e compartilhavam com os mais velhos todos os espaços, inclusive aqueles marcados por situações impróprias ou violentas, como práticas de cunho sexual, disputas familiares e conflitos físicos. Como consequência dessa concepção, os contos produzidos e narrados naquele período abordavam temas intensos e perturbadores, incorporando elementos como violência, sangue, erotismo e crueldade, que eram socialmente aceitos dentro da lógica cultural da época.

Reconhecer a força da oralidade nesse processo é compreender que os contos não surgiram como histórias ingênuas ou moralizantes destinadas exclusivamente à infância, mas como narrativas vivas que circulavam entre adultos e crianças, trazendo consigo visões de mundo, medos, desejos e ensinamentos que atravessavam gerações. A oralidade, nesse contexto, desempenhou papel fundamental na preservação dessas narrativas, pois ampliou sua circulação, permitiu sua adaptação a diferentes culturas e garantiu que cada grupo social reconstruísse as histórias de acordo com seus valores e experiências. Essa transmissão oral, marcada pela criatividade e pela memória coletiva, representa uma das maiores riquezas dos contos

de fadas e uma das razões pelas quais eles permanecem relevantes até os dias de hoje. Como afirma Carolina Schneider Menezes (2017, p. 6):

A origem destes contos se deu muitas vezes para os adultos, tratando de temas mais ácidos, mais violentos, mais políticos, mas foram se alterando com o passar dos anos e se adaptando para as crianças (Menezes, 2017, p. 6).

É possível afirmar que, naquele contexto, os adultos não demonstravam cautela em relação às crianças, que cresciam participando de experiências que, atualmente, seriam consideradas impróprias para sua faixa etária.

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las (Ariès, 2006, p. IX)

Os contos que conhecemos hoje foram reformulados diversas vezes para se adequarem aos valores e gostos da sociedade de cada época. É importante destacar que os contos de fadas têm origem na cultura céltico-bretã, segundo a qual a fada simboliza um ser fantástico de grande importância para aquele povo.

Originou-se (o conto de fadas) entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino "fatum", que significa destino. (Coelho, 2000, p. 173 apud Costa, 2013).

Esses contos foram coletados e compilados por Perrault, que resgatou histórias contadas de boca a boca e as adaptou para a sociedade da época.

Primeiramente, Perrault compilou as lendas e narrativas orais, escreveu-as resultando nos Contos de Fadas e publicou-os na França. Assim como Perrault fez na França, os irmãos folcloristas e estudiosos da mitologia germânica, Jacob e Wilhelm Grimm, tiveram uma significativa contribuição na publicação de Contos de Fadas. Os irmãos Grimm buscaram, cem anos mais tarde, lendas e narrativas orais que se conservavam nas gerações da sociedade da Alemanha do século XVIII (Costa, 2013, p.19).

Observamos que Charles Perrault e os irmãos Grimm desempenharam papéis decisivos para que a literatura infantil adquirisse forma escrita e alcançasse ampla circulação no mundo ocidental, já que ambos se dedicaram a recolher narrativas que circulavam há séculos na tradição oral e a registrá-las por escrito, organizando-as em compilações que se tornaram referência para a cultura europeia e, posteriormente, para diversas partes do mundo. Como aponta Santos, a difusão sistemática da literatura infantil iniciou-se na Europa com Charles Perrault, que, em 1697, publicou a

obra *Contos da Mamãe Gansa*, composta por histórias que não eram fruto apenas da imaginação literária, mas resultavam de experiências populares, observações do cotidiano francês e tradições transmitidas pela oralidade. Essas narrativas, ao mesmo tempo em que buscavam entreter o povo, também se destinavam a agradar à nobreza da corte de Luís XIV, revelando a dupla função cultural e social dos contos naquela época.

Tanto Perrault quanto os irmãos Grimm recolheram versões diferentes de narrativas já existentes, adaptando-as ao público, à moral e às expectativas de seus contextos históricos, o que demonstra que os contos não são obras estáticas, mas produções culturais sujeitas a transformações contínuas. Essa prática de reelaborar, adaptar e reinterpretar histórias permanece viva até hoje, realizada por contistas, educadores e contadores de histórias que, ao recontarem os contos de fadas, ajustam-nos às sensibilidades contemporâneas e às mudanças nos valores sociais. As narrativas sofrem essas modificações porque a cultura, a moral e o imaginário coletivo não são fixos, mas acompanham a transformação das sociedades, de modo que cada época reinscreve nessas histórias os sentidos que considera mais significativos.

3 A construção dos estereótipos nos contos de fadas tradicionais

Seria uma interpretação equivocada afirmar que os contos de fadas, especialmente os clássicos repletos de princesas deslumbrantes, cumprem apenas a função de introduzir o leitor no universo fantástico da imaginação ou de contribuir para a formação do hábito de leitura. Embora essas narrativas encantem gerações de crianças, jovens e adultos ao redor do mundo, é necessário observar com atenção as entrelinhas que compõem suas histórias, pois nelas encontram-se discursos simbólicos que ultrapassam o simples entretenimento. De maneira sutil, muitas dessas narrativas reproduzem visões estereotipadas sobre a mulher e carregam vestígios das estruturas patriarcais que predominavam nas épocas em que foram criadas, revelando o lugar de submissão que era atribuído às personagens femininas e a ideia de que sua felicidade plena somente poderia ser alcançada por meio do matrimônio.

Um aspecto recorrente dessas narrativas diz respeito ao modelo físico idealizado que se repete entre diversas personagens. Como aponta Aparecida Sueli

Zambon, a fada, a princesa e a mocinha costumam ser descritas como protótipos de um padrão estético ariano, com cabelos longos e loiros, olhos azuis e corpo esbelto, enquanto o príncipe é representado como um jovem alto, forte, corpulento e elegante. Quando analisamos contos como Cinderela, Rapunzel ou A Bela Adormecida, reconhecemos que a descrição física das protagonistas segue praticamente a mesma estrutura, que combina beleza idealizada, delicadeza e fragilidade, associadas à inevitável dependência de um príncipe para que possam alcançar seu destino final. Tais características reforçam padrões de beleza rígidos e excludentes, produzindo um ideal feminino que privilegia determinados corpos, cores, cabelos e traços sociais ligados à cultura burguesa europeia.

Nesse mesmo sentido, Santos observa que a maior parte desses contos não apresenta princesas gordas, negras, indígenas ou com cabelos crespos, assim como não retrata princesas ruivas, albinas ou personagens que escapem aos moldes físicos convencionados como belos naquele período histórico. Essa ausência de representação revela os limites estéticos e identitários impostos por essas narrativas e evidencia que muitas crianças, seja pela aparência física, seja por características comportamentais, não conseguem se reconhecer nas histórias que lhes são apresentadas no início da formação leitora, o que restringe suas possibilidades de identificação e pertencimento ao universo literário.

É importante destacar que essas narrativas, muitas vezes, constituem a porta de entrada das crianças no campo da literatura infantil, influenciando concepções de mundo, expectativas sobre si mesmas e percepções sobre o papel social de homens e mulheres. Apesar de sua aparente inocência, os contos tradicionais estruturam personagens como princesas, príncipes e madrastas por meio de rótulos e visões estereotipadas que, por estarem naturalizados no imaginário coletivo, frequentemente passam despercebidos pelos leitores e ouvintes. Nesse sentido, torna-se fundamental problematizar tais representações para compreender como elas participam da formação de valores e da constituição de identidades desde a infância. No entanto, como bem ressalta Santos (2020, p. 11):

Podem influenciar o pensamento infantil tanto de maneira positiva, ampliando o imaginário e estabelecendo conceitos importantes à infância, quanto de maneira negativa, perpetuando estereótipos físicos/sociais e conservando costumes arcaicos e excludentes (Santos, 2020, p. 11).

Com base nesses apontamentos, podemos perceber o quanto os contos de fadas influenciam a formação das crianças, tanto de forma positiva ao estimular a

imaginação e valores, quanto negativamente, ao consolidar preconceitos e idealizações estereotipadas como padrões. Conforme Zambon (2009, p.21)

Estereótipo pode ser uma base para a formação de preconceitos, no sentido em que julga um fato ou alguém com base em características pré-estabelecidas como corretas, impedindo que se possa examinar a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva. Estereótipos são, na verdade, rótulos usados para qualificar, superficial e genericamente, grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e até grupos de pessoas de mesmo sexo ou profissão. São imagens simplificadas ou caricaturais (Zambon, 2009, p.21).

Esses rótulos tornam um padrão físico, comportamental, psicológico em verdades, tornam-se bases para uma concretização do preconceito e exclusão de quem não se encaixa nesses paradigmas. Então os contos que induzem as crianças ao mundo da fantasia, que as levam a lugares místicos, que é carregado de seres fantásticos sejam as fadas, os duendes, as bruxas são os mesmos que podem perpetuar a imagem de que toda princesa é branca, magra e bela, que toda madrasta é má e feia, logo a criança tem um grande papel seja do modo como se enxergam no conto, seja como compreendem as representações dos personagens e como assimilam as associações do bem e o mal. Segundo Santos (2020, p.11).

A sociedade está repleta de estereótipos físicos e sociais que são muitas vezes construídos na infância. Os contos de fadas possuem suas bases históricas vindas da Europa, de uma época diferente da que vivemos atualmente. Tal contexto influenciou diretamente na criação das características que hoje pode acarretar na perpetuação de muitos desses estereótipos (Santos, 2020, p.11).

É nítido o quanto esses contos vangloriam estereótipos da beleza europeia, e retratam princesas frágeis, indefesas e submissas, de “cintura fina, magras, cabelos impecáveis, quase sempre na cor de ouro, que simboliza a riqueza, virtuosas, dóceis, passivas, subservientes e destinadas ao casamento são características peculiares, que fazem jus ao título de princesas” (Souza E Oliveira, 2016, p.55).

Dada a construção dos contos de fadas sob a matriz europeia tradicional, torna-se evidente a existência de uma padronização estética e simbólica das personagens femininas, já que as princesas são descritas, quase sempre, como jovens de beleza idealizada, com corpos esculturais, pele clara e traços delicados que correspondem aos padrões de feminilidade valorizados pela sociedade ocidental. Paralelamente, observa-se a presença de uma expectativa implícita segundo a qual qualquer personagem que se afaste desses padrões, seja uma mulher mais velha, uma figura

que não se enquadre nos moldes hegemônicos de beleza ou uma personagem com algum grau de autonomia e poder, é destinada ao papel de antagonista ou ameaça.

A madrasta, nesse contexto, é um exemplo emblemático, pois costuma ser representada como invejosa, vaidosa e cruel, raramente alcançando o mesmo patamar de beleza atribuído à princesa. Essa construção não ocorre de maneira aleatória, mas resulta de uma lógica simbólica que estabelece uma relação direta entre aparência física e caráter moral, de modo que a beleza é apresentada como sinal de pureza, bondade e docilidade, enquanto a feiura ou qualquer desvio dos padrões estéticos dominantes se converte em metáfora de maldade, perigo ou corrupção.

Dessa forma, o imaginário literário cria e reforça uma dicotomia que associa a princesa bela à virtude e a figura feminina desviante ou poderosa à ameaça, o que perpetua estereótipos prejudiciais sobre o corpo da mulher, sobre o envelhecimento feminino e sobre os papéis sociais que historicamente lhes foram atribuídos.

Princesa detém as características que correspondem ao papel do personagem “bom”: incrivelmente linda, jovem, dócil, generosa, obediente e ingênua. Já a bruxa e a madrasta, que representam a parte “ruim” da história, ficam com as características mais indesejadas entre as mulheres: velha, cruel, feia, articulosa, invejosa. Os textos de Perrault são engenhosamente escritos. Neles, o autor consegue solidificar, na memória inconsciente do leitor, a ideologia da sociedade burguesa francesa propositalmente implantada em seus contos.” (Costa, 2013, p. 27).

Mediante o exposto, torna-se evidente que os contos de fadas carregam, de forma muitas vezes camuflada, diversas ideologias e estereótipos. Essas narrativas são construções que refletem a mentalidade da época em que foram escritas, retratando uma realidade na qual as mulheres ocupavam posições de inferioridade em relação aos homens, sendo reduzidas a figuras delicadas, frágeis e dependentes de um homem para alcançar a felicidade, que estaria ligada ao casamento.

É possível perceber, ainda, que a princesa é sempre retratada como a personagem mais bela da história, enquanto a madrasta, em contraste, ocupa uma posição inferior, geralmente associada à feiura. Essa oposição estética entre as personagens femininas pode sugerir relações marcadas por inveja, rivalidade e antagonismo, reforçando, assim, estereótipos que associam a beleza à virtude e a feiura, à maldade.

Se decorreremos ao longo da história será possível ratificar que, mulheres foram, durante muito tempo, discriminadas, silenciadas, rotuladas. Dentre os muitos motivos, temos o tardio acesso à escrita. Durante muito tempo a

leitura, a escrita, a pintura foram atividades, predominantemente, masculinas, por isso as mulheres eram representadas à luz das imaginações dos mesmos, ou seja, quando se falava delas ou as representavam, o faziam de modo generalizado, por meio de estereótipos. Outro ponto importante é que os contos considerados tradicionais foram escritos em uma época cujas ideologias patriarcalistas e machistas predominavam. Logo, refletiam as ideologias do momento (Souza, 2017, p.149).

Em suma, observamos que os contos de fadas foram, em sua maioria, escritos por homens e para o ideal de mulheres que eles cultuavam, e suas representações seguiram os pensamentos predominantes da época em que foram produzidos. Considerando que as histórias são formuladas conforme a mentalidade vigente, é compreensível que os belos contos tradicionais permaneçam fascinantes e atemporais, ainda que representem uma sociedade cujas ideologias e valores diferem dos atuais.

De acordo com Souza (2017), são essas narrativas, apresentadas de forma escrita ou oral, que trazem à tona a ideologia feminista e patriarcal da sociedade burguesa do século XVII. Os contos clássicos da literatura infantil apresentam representações femininas marcadas por uma padronização de características físicas e psicológicas, o que reforça modelos específicos de comportamento e aparência esperados das personagens do gênero feminino.

Cinderela, as princesas Branca de Neve, Bela Adormecida, Rapunzel e tantas outras são dóceis, delicadas, belas e indefesas e, ambas, esperam pelo tão sonhado e valente príncipe encantado. O destino de todas elas é casar-se, ter filhos e cuidar do lar” (Souza, 2017, p.37).

O casamento, nos contos de fadas, não ocorre porque duas pessoas se amam e, a partir desse sentimento, escolhem compartilhar uma vida em comum. Ao contrário, as narrativas tradicionais descrevem a beleza como o principal fator que motiva o matrimônio, somado à recorrente necessidade de que a princesa seja salva de alguma situação adversa. Nessas histórias, a protagonista feminina é frequentemente retratada como incapaz de reagir, submetida aos maus-tratos e às explorações de figuras como bruxas e madrastas, o que reforça a ideia de fragilidade e dependência.

Dessa perspectiva, torna-se perceptível que o casamento nos contos clássicos se associa menos à noção de amor verdadeiro e mais à aparência física da jovem e à sua salvação pela figura masculina heroica. Essa construção narrativa não apenas reforça o estereótipo da mulher frágil e passiva, como também consolida uma visão

idealizada e utilitária do amor, sustentada por padrões de beleza, obediência e dependência emocional, e não por afeto ou escolha consciente.

Conforme observa Vitória Tiggemann Bolten, além da idealização do homem como salvador da princesa, grande parte dos contos clássicos compartilha outro elemento significativo, já que todas as narrativas culminam no casamento, cenário que posiciona o matrimônio como objetivo final a ser alcançado, sobretudo pelas personagens femininas. A salvação das protagonistas, nos contos originais, encontra-se sempre vinculada à figura masculina e ao desfecho matrimonial, o que reforça um modelo de felicidade baseado na união conjugal e perpetua a concepção de que a plenitude da mulher depende do encontro com o príncipe e da subsequente realização do casamento.

3.1 um olhar sobre a construção da imagem feminina na posição de princesa nos contos de fadas, conto tradicional Cinderela

Segundo Santos, os contos de fadas têm suas raízes na tradição europeia e foram produzidos em um momento histórico profundamente distinto daquele que vivenciamos atualmente, contexto no qual o patriarcalismo e o machismo estruturavam a organização social e as relações entre homens e mulheres. Esse cenário influenciou decisivamente a forma como as personagens femininas foram descritas, já que suas representações passaram a refletir os valores, as expectativas e as normas de comportamento vigentes na época. As ideias preconcebidas que permeiam essas narrativas transformam características físicas, comportamentais e psicológicas em supostas verdades naturais, funcionando como base para a solidificação de preconceitos e para a exclusão de indivíduos que não se enquadram nos paradigmas estéticos e sociais ali estabelecidos.

As construções narrativas desses contos atribuem, quase sempre, à princesa uma beleza exuberante que a torna digna de admiração e, conseqüentemente, do amor do príncipe. A protagonista jamais ocuparia o papel da mulher descrita como feia ou má, função reservada às madrastas e a outras figuras femininas cuja imagem já se cristalizou negativamente no imaginário social. Dessa forma, a mesma beleza que confere à princesa o status de escolhida do príncipe desperta também a inveja de outras mulheres, reforçando a noção de rivalidade e competição feminina como se

fosse um traço natural das relações entre mulheres e não um produto culturalmente construído.

O casamento, por sua vez, aparece como solução para todos os infortúnios vivenciados pela protagonista e como prêmio final à jovem bela e virtuosa, representada como merecedora dessa redenção por meio da união conjugal. Assim, a narrativa tradicional vincula a felicidade feminina não a escolhas pessoais ou ao exercício da autonomia, mas ao encontro com o príncipe e à realização matrimonial, perpetuando modelos de dependência emocional e social que restringem as possibilidades de protagonismo das personagens femininas.

A princesa passa a ser a representação de um prêmio, o objeto a ser recebido pelo homem forte e corajoso que vê, em sua prenda, o protótipo da fragilidade uma vez que, ela não poderia se desprender das garras do mal. Sendo assim, as questões da subordinação da mulher ao homem, conforme a ideologia patriarcal, podem ser vislumbradas nos contos de fadas que primarão por traçar estereótipos que reforcem não só a submissão feminina, mas também o padrão de beleza ideal (Batista, 2011, p. 95).

Logo vemos que o casamento estava ligado à salvação da princesa indefesa, que necessitava de uma figura masculina que fosse forte para salvá-la, e no momento de salvação também ela necessita de uma beleza esplêndida que faça o príncipe apaixonar-se instantaneamente por ela, ou seja, o amor nesses contos era firmado na beleza estética, na doçura e fragilidade da mulher que seriam pontos cruciais para o encantamento do príncipe, e para torná-la merecedora de ser sua esposa, evidenciando que o casamento não dava-se pelo amor, mas devido a outras circunstâncias.

4 Análise do conto Cinderela.

Sabemos que o conto Cinderela possui inúmeras adaptações, que incluem livros infantis ricamente ilustrados, produções cinematográficas que ressaltam a figura de uma jovem de beleza esplêndida e versões contemporâneas que procuram apresentar a protagonista sob diferentes padrões estéticos e comportamentais. Nas construções que seguem as adaptações de Perrault, observa-se que a narrativa apresenta uma jovem que, após a morte da mãe, vê o pai contrair um novo casamento com o intuito de oferecer à filha uma figura materna e, ao mesmo tempo, garantir que uma mulher pudesse cuidar da casa, prática comum naquele período histórico. Sempre que a esposa morria, cabia ao homem a responsabilidade de encontrar uma nova companheira, já que, de acordo com a lógica social da época, as tarefas

domésticas e o cuidado com os filhos eram exclusivamente atribuídos às mulheres, e o marido não interferia em tais responsabilidades.

Nessa versão, a madrasta de Cinderela, que também era viúva e tinha duas filhas de seu casamento anterior, passa a maltratar a protagonista desde os primeiros momentos, comportamento igualmente reproduzido pelas meias-irmãs. São essas jovens que a apelidam de Cinderela, termo cuja origem está associada às cinzas. Como explica Eliane Vicente, o nome deriva do termo “borralho”, presente na língua inglesa, e foi atribuído à personagem pelo fato de estar sempre coberta de sujeira e cinza, resultado das atividades domésticas pesadas que lhe eram impostas. A autora retoma, inclusive, a descrição em que a jovem, exausta após concluir seus serviços, se sentava junto à lareira e ficava no meio das cinzas, motivo pelo qual também é comum encontrar traduções do conto sob o título *A gata borralheira*.

A Cinderela cabiam todas as atividades relacionadas ao lar, e a jovem, mesmo sendo vítima de injustiças evidentes, não se queixava ao pai, pois, dentro do contexto patriarcal em que vivia, a esposa era vista como autoridade doméstica, e o marido não interferia nos assuntos internos da casa. Assim, o conto reforça a imagem de Cinderela como submissa, bondosa, obediente e bela, características consideradas essenciais para uma mulher ideal dentro da sociedade burguesa daquele período. Após a morte do pai, a situação da protagonista torna-se ainda mais opressora, e os maus-tratos intensificam-se por parte da madrasta e das meias-irmãs.

Em determinado momento da narrativa, o príncipe decide promover um baile no qual todas as jovens do reino seriam convidadas, pois pretendia escolher, entre elas, sua futura esposa. O evento provoca grande euforia, já que todas as moças da corte ansiavam por essa oportunidade, reforçando o ideal de que o casamento representava a máxima realização feminina. A madrasta, no entanto, impede Cinderela de participar da festa, o que leva a jovem ao pranto. É nesse momento que aparece a fada madrinha, personagem fantástica que transforma uma abóbora em carruagem, camundongos em cavalos, lagartos em lacaios e concede à protagonista um vestido magnífico e sapatinhos de cristal, advertindo-a de que toda a magia cessaria à meia-noite. No baile, Cinderela deslumbra a todos com sua beleza e desperta profundo encantamento no príncipe, que dança exclusivamente com ela.

Esse resumo permite observar com clareza a posição social da mulher naquele contexto cultural. Caso ela fosse casada, deveria dedicar-se ao marido, à casa e à prole. Caso não fosse, sua existência se orientaria para a busca do matrimônio, já que

todas as jovens do reino pareciam viver em função da possibilidade de serem escolhidas como pretendentes do príncipe. A narrativa reduz as mulheres a objetos de seleção masculina, reforçando a expectativa de que a felicidade feminina depende da validação e da escolha de um homem.

O comportamento de Cinderela reflete também os valores da sociedade de sua época, pois, mesmo diante de situações humilhantes e opressoras, ela mantém comportamentos considerados desejáveis para uma jovem: classe, delicadeza, cultura, bondade e resignação. A protagonista é apresentada como indefesa, incapaz de reagir aos maus-tratos ou de questioná-los, aceitando tudo com total submissão. Essa construção reforça o ideal de feminilidade passiva que permeia grande parte dos contos tradicionais e que influenciou gerações ao estabelecer modelos rígidos de comportamento e de representação do papel da mulher na sociedade.

A personagem Cinderela segue fielmente o padrão do sistema patriarcal. É uma jovem doce, bondosa, obediente, generosa, sonhadora, passiva e submissa, representando dessa maneira a mulher criada pelo patriarcalismo, ou seja, a mulher perfeita (Pimenta, 2012, p.12).

Num grifo do conto, temos “o marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par”. Nesse trecho vemos que a garota era dotada de doçura e bondade, traços comportamentais que carregam as construções estereotipadas da princesa.

Quando também observamos no conto “apesar das roupas suntuosas que as filhas da madrasta usavam, “Cinderela”, com seus trapinhos, parecia mil vezes mais bonita que elas”, logo notamos que o narrador enxergava a beleza dela, mesmo nas condições de exploração e maus-tratos a que ela era submetida, e notamos também uma construção de forma engenhosa de comparação entre ambas as irmãs, ressaltando que a beleza natural sempre destacaria diante de qualquer opressão.

Em outro recorte também será possível ratificar que a beleza da Cinderela deixou todos pasmos no baile:

O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e de dizer bem baixinho para a rainha que fazia muito tempo que não via uma pessoa tão bonita e encantadora. Fez-se então um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos emudeceram, tal era a atenção com que contemplavam a grande beleza da desconhecida (Perrault, 2012, 21).

Logo notamos que a beleza e delicadeza da mulher eram atrativos fundamentais para fascinar pessoas, visto que nesse trecho é explícita a forma que todos do baile ficaram pasmos com a chegada da mulher misteriosa.

Segundo Santos (2020), a narrativa do conto “Cinderela” é carregada de estereótipos que reforçam o padrão a ser seguido pelas mulheres, como o padrão físico presente no conto. “Cinderela” é considerada a mais bela dentre todas as outras mulheres. Ao se encaixar nesse padrão estético, ressalta a competição entre as mulheres para ser a mais bonita, reforçando a ideia que as mulheres devem estar em eterna batalha pela beleza e com o intuito de atrair a atenção masculina. De acordo com Pimenta:

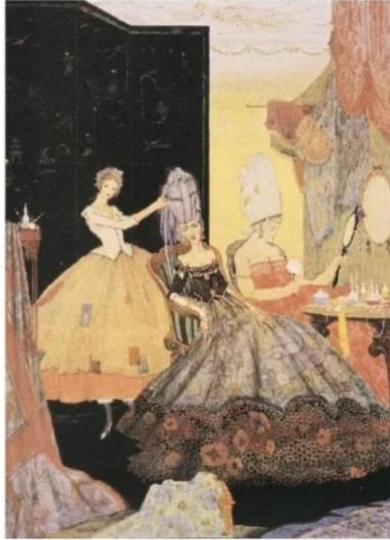
Nesse conto, temos uma personagem submissa refletindo a imagem da mulher que não tinha atitudes diante de situações opressoras, como deveria ser a mulher regida pelo patriarcalismo. Cinderela se submete aos caprichos da madrasta uma vez que não há relatos da interferência do pai na criação da filha, demonstrando o costume patriarcal do século XIX, onde o homem era o chefe da família, e às mulheres cabia apenas zelar pelo lar e pela criação dos filhos, e se a esposa viesse a falecer o homem tinha o direito de se casar novamente, dando uma nova mãe aos filhos do primeiro casamento (Pimenta, 2012, p.12).

Esse conto mostra de maneira explícita o modelo patriarcal da época. Cabiam à mulher apenas as atividades domésticas e a criação dos filhos, e a mulher tinha que seguir padrões de beleza, passividade, delicadeza, bondade e submissão para assim estar nos padrões da época e conseguir arranjar um bom casamento, visto que as mulheres eram reduzidas ao ato de casarem e terem sua prole.

Os contos de fadas não são isentos de propósitos, muito pelo contrário, difundem ideias, valores, normas e padrões comportamentais que seus estruturadores esperam ver ratificados no meio social. No caso do conto Cinderela, não é diferente. Neste, são claras as representações sociais de homens e mulheres, enaltecendo padrões de beleza e estereótipos, lugares e papéis sociais pautados no gênero. Assim, ratifica-se a dominação masculina e submissão e fragilidade feminina como se estes fossem atributos naturais, quando na verdade são construções sociais, cujas consequências estão para além do âmbito da casa e seus arredores (Pereira *et all*, 2018, p.347).

No conto “Cinderela” podemos ver as posições que as mulheres tinham na sociedade, eram vistas como donas do lar, mães e não tinham mais nenhum papel na sociedade burguesa, não trabalhavam fora do lar, eram representadas como mulheres indefesas, delicadas. Já o homem, na posição de príncipe, salvaria uma donzela de algum malefício vindo da sua família ou de algum feitiço despertado geralmente pela inveja, que era acarretada por uma mulher que sentia-se inferior, essas eram as principais construções dos contos tradicionais, então como prêmio teria a mulher perfeita e indefesa, com quem se casaria e assim seriam felizes para sempre.

Ilustração 1 – Cinderela.



Harry Clarke, 1922

Fonte: Internet Archive e à Biblioteca Pública de Nova York

Na imagem retirada do livro analisado, observamos uma princesa que se enquadra integralmente no padrão de beleza europeu tradicional. Trata-se de uma jovem representada com pele extremamente clara, cabelos dourados, cintura marcada, traços delicados e postura suave, elementos que reforçam o ideal de feminilidade daquela época. Soma-se a isso o gesto de docilidade, uma vez que a personagem aparece penteando os cabelos de suas meias irmãs para que pudessem ir ao baile, o que acentua a construção de sua imagem como bondosa, submissa e sempre disposta a servir.

Em outras representações de Cinderela, como nas adaptações cinematográficas produzidas pela Disney, esse padrão se repete de forma ainda mais acentuada. Nessas versões, a princesa surge com pele clara, olhos de um azul intenso, corpo extremamente magro e vestidos exuberantes, características que também são reproduzidas em diversas versões de livros infantis. Esse conjunto de elementos estéticos cristaliza um modelo de princesa que vincula beleza à brancura, à magreza, aos cabelos lisos e à delicadeza, modelo que se tornou dominante na cultura visual e literária destinada às crianças.

Esse padrão influencia diretamente a forma como meninas se percebem e se posicionam no mundo, pois, quando uma criança não se reconhece nas histórias que lê ou assiste, tende a acreditar que não é suficientemente bonita ou que não merece ocupar o lugar de protagonista. Meninas negras, gordas, indígenas, albinas ou com cabelos crespos e ondulados cresceram, durante muito tempo, sem ver princesas com

características semelhantes às suas, o que produz sentimentos de inadequação, exclusão e invisibilidade. Esses sentimentos interferem na autoestima, na construção da confiança e até nos sonhos que essas meninas elaboram para si mesmas, já que a ausência de referência estética e simbólica limita seu senso de pertencimento e de possibilidade.

Por essa razão, torna-se fundamental que as produções literárias e culturais apresentem diferentes formas de beleza e múltiplos modos de ser, permitindo que todas as crianças se sintam representadas e reconhecidas como protagonistas de suas próprias histórias. A diversidade estética, corporal e identitária não apenas amplia o horizonte de percepções das leitoras, como também contribui para o fortalecimento de subjetividades mais seguras e livres de padrões restritivos.

Além das questões relacionadas à aparência, é importante considerar que muitas meninas crescem acreditando que precisam de um príncipe para alcançar a felicidade, crença reforçada pelos contos tradicionais que apresentam a mulher como figura delicada, frágil e dependente da ação masculina para alcançar seu final feliz. Essas narrativas, ainda que de forma sutil, ensinam que o amor romântico, especialmente aquele centrado no masculino, constitui a principal meta da vida feminina e que o valor da mulher está diretamente associado à sua beleza, à sua obediência e à sua capacidade de agradar.

Como consequência desse modelo narrativo, muitas meninas moldam seus comportamentos, seus sonhos e sua própria autoestima a partir dessas expectativas, acreditando que precisam se encaixar nesses papéis para serem amadas, reconhecidas ou socialmente aceitas. Pensar criticamente essas histórias e oferecer novas formas de representação torna-se, então, indispensável para que todas possam construir identidades mais autênticas e livres, capazes de escolher seus próprios caminhos sem se submeter a estereótipos nem depender de resgates externos para afirmar o próprio valor.

5. A resignificação da imagem feminina no conto contemporâneo “A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana”

Temos consciência de que os contos de fadas são construções profundamente vinculadas à mentalidade de sua época e, por essa razão, refletem os valores, as expectativas e os modelos sociais que predominaram no período em que foram

produzidos. Assim, torna-se perceptível a necessidade de novas construções, readaptações e narrativas que expressem a mentalidade contemporânea e o posicionamento atual da sociedade, sobretudo no que diz respeito à imagem da mulher na condição de princesa, já que essa representação foi marcada, por muito tempo, por padrões estéticos e comportamentais enraizados nos contos tradicionais. Nesse cenário, surgem cada vez mais os chamados contos contemporâneos, que apresentam novos perfis de princesas e príncipes, desde características físicas até modos de agir, pensar e se relacionar.

As princesas contemporâneas se distanciam do modelo clássico ao rejeitarem a ideia de que a felicidade depende da intervenção ou da salvação de um príncipe e ao se recusarem a aceitar que o matrimônio constitui o destino inevitável para uma mulher. Nessas narrativas mais atuais, as protagonistas demonstram coragem, determinação e autonomia, não se submetem às vontades alheias e não percebem o casamento como solução para seus conflitos ou como prioridade em suas vidas. Assim, essas histórias apresentam figuras femininas que rompem com os estereótipos tradicionais e ampliam as possibilidades de representação, permitindo que outras formas de protagonismo e de identidade feminina sejam valorizadas.

Esses novos contos apresentam uma conotação, um sentido diferente das narrativas clássicas. São princesas que agora não estão à espera de um príncipe encantado para salvá-las, mas que conquistam o que desejam sozinhas, e embarcam numa aventura em que enfrentam seus medos e perigos. Assim, são histórias em que os príncipes e as princesas apresentam masculinidades e feminilidades de modos diferentes das princesas e príncipes romantizados, embora preservem os binarismos de gênero” (Santos e Soares, 2018, p.53)

Nesses contos contemporâneos observamos princesas que lutam de maneira firme por seus sonhos e que já não necessitam da figura masculina para alcançar a salvação, pois são construídas como personagens destemidas, movidas por objetivos próprios e conscientes de suas escolhas. Nessa perspectiva, o casamento deixa de ser o grande objetivo da vida de uma mulher e a beleza física deixa de constituir o principal requisito para o matrimônio. Em algumas narrativas, inclusive, encontramos protagonistas que não demonstram qualquer interesse em casar-se ou constituir família, o que representa uma ruptura significativa em relação aos padrões tradicionalmente atribuídos às princesas nos contos clássicos.

Com base nessa perspectiva, analisaremos o conto de fadas A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana, cuja versão literária em estudo é uma readaptação de um

conto tradicional dos irmãos Grimm, mas que apresenta construções narrativas, personagens e desenvolvimentos bastante distintos dos modelos clássicos. Nesse conto acompanhamos a história de uma menina negra que, desde a infância, demonstrava grande encantamento ao observar o pai preparar diversos pratos e nutria o desejo de, quando crescesse, abrir seu próprio restaurante. Ao longo da narrativa, ela reaparece já adulta, representada como uma jovem negra de beleza marcante, com olhos expressivos e trabalhando com dedicação em um restaurante, onde economiza cada parte de seu salário para conquistar o objetivo que sempre alimentou, abrir o próprio negócio, ainda que seu pai já não estivesse vivo.

Desde o início identificamos uma ruptura importante em relação aos contos tradicionais, pois a personagem principal é uma futura princesa negra, algo inexistente nas narrativas clássicas, e apresenta um perfil de mulher empreendedora, determinada e movida por um projeto de vida construído por ela mesma. Em Tiana encontramos uma protagonista que deposita suas esperanças e energias na realização de seu restaurante, sonho que se consolidou na infância e que se tornou seu maior objetivo de vida, revelando-se como uma meta imprescindível para sua própria realização pessoal. Essa construção já evidencia um deslocamento expressivo da figura clássica da princesa, que deixa de depender do amor romântico para definir seu destino e passa a orientar sua trajetória a partir de princípios de autonomia, esforço e autodeterminação.

Pois, enquanto os contos tradicionais trazem em seus enredos princesas delicadas, frágeis, indefesas, completamente dependentes da figura masculina, as princesas pós-modernas são ativas, fortes, aventureiras, corajosas e já não veem mais o casamento como a única solução para os seus problemas, nem mesmo como prioridade em suas vidas. (Souza, 2017, p.19,20).

Nesse conto acompanhamos uma princesa que rompe de maneira significativa com as construções estereotipadas atribuídas às personagens femininas dos contos tradicionais. Trata-se de uma jovem negra, destemida, trabalhadora e determinada, que economiza cuidadosamente o dinheiro conquistado por meio de seu próprio esforço para dar entrada na compra do restaurante que sempre sonhou em abrir. A narrativa evidencia, portanto, não apenas sua autonomia financeira, mas também a ruptura com o modelo clássico da mulher restrita ao espaço doméstico, ao mostrar uma personagem que representa o perfil de muitas mulheres contemporâneas, que exercem profissões diversas, atuam de forma ativa na sociedade e não dependem da figura masculina heroica para alcançar seus objetivos.

Nesse sentido, o famoso “felizes para sempre” pode, inclusive, assumir novas formas, inclusive a possibilidade de uma realização pessoal que não esteja condicionada ao casamento.

Em determinado momento da narrativa, o sonho de Tiana aproxima-se de sua concretização quando sua amiga Charlotte encomenda quinhentas tostadas para o baile de máscaras que promoveria com o intuito de impressionar o príncipe que visitaria a região. Tiana seria responsável pelo buffet e o valor recebido por esse trabalho seria suficiente para dar entrada no imóvel onde pretendia instalar o restaurante. A partir dessa oportunidade, ela já passava a imaginar, com alegria e esperança, como seria seu futuro espaço de trabalho.

O livro também apresenta um diálogo significativo entre Tiana e sua mãe, Eudora, que demonstra preocupação com os gastos da reforma e sugere que existem outras coisas importantes na vida, como o amor, sentimento que o pai de Tiana cultivara intensamente. No entanto, a jovem não se deixa desviar de seu propósito. O trecho em que se afirma que “existiam coisas mais importantes que aquilo, como o amor, que o pai de Tiana teve muito em vida, mas Tiana nem queria pensar nisso. O que importava para ela era o restaurante e nada mais” revela a centralidade do sonho pessoal na vida da protagonista, que segue firme em seu objetivo e vê sua meta como algo essencial para sua realização.

No dia do baile de máscaras, ocorre uma mudança decisiva em sua trajetória. Enquanto trabalhava e se encontrava absorta em seus pensamentos, Tiana acaba caindo sobre a mesa das tostadas, sujando completamente seu vestido. Charlotte, sensível à situação, empresta-lhe um vestido de fantasia de princesa para que ela pudesse participar da festa.

Na sacada do quarto, envolvida pela atmosfera do baile e movida pela força do próprio desejo, Tiana fecha os olhos e formula seu pedido de finalmente conquistar o restaurante dos seus sonhos. Quando os abre novamente, depara-se com a presença inesperada de um sapo, momento que inaugura uma nova etapa de sua jornada.

Ilustração 2 – A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana.



Fonte: Internet Archive

Na imagem observamos uma jovem princesa negra, com cabelos cacheados e escuros, vestindo um lindo traje azul enquanto expressa o desejo de que seu grande sonho seja finalmente realizado. Ao analisarmos os aspectos físicos representados, percebemos que, embora o corpo da personagem permaneça dentro do padrão escultural e magro frequentemente valorizado pelas produções infantis, há uma ruptura significativa no que se refere ao modelo tradicional de princesa, pois já não encontramos os traços de pele clara, cabelos loiros e olhos azuis que marcaram as narrativas clássicas. A presença de uma princesa negra com cabelos naturais e beleza singular representa, portanto, um avanço importante no campo da representatividade.

O sapo que surge diante de Tiana afirma ser o príncipe Naveen, transformado em animal por um feiticeiro, e explica que somente o beijo de uma princesa poderia quebrar a maldição. Naveen promete recompensá-la, e embora Tiana não desejasse beijá-lo, acaba cedendo por pena e também pela esperança de alcançar o restaurante que tanto desejava. No entanto, ao beijá-lo, ela também é transformada em rã, fato que surpreende ambos. O príncipe culpa Tiana pelo fracasso, afirmando que, se ela fosse uma princesa de verdade, a magia teria se desfeito, e somente então a jovem esclarece que vestia apenas uma fantasia emprestada.

Nesse ponto da narrativa, observamos uma inversão notável dos papéis convencionais, pois é o príncipe quem precisa ser salvo da condição de animal, enquanto a protagonista, mesmo transformada, assume uma postura ativa,

desbravando o pântano, tomando decisões e buscando ajuda. O fato de Tiana não ser uma princesa, mas estar com as vestes de Charlotte, faz com que Naveen acredite que ela poderia quebrar o encanto, o que desencadeia a jornada que ambos percorrem em busca da magia capaz de restaurar suas formas humanas.

Durante essa busca, o casal encontra aliados no pântano, como o jacaré Louis e o vagalume Ray, que decide guiá-los iluminando o caminho. Após diversas aventuras, chegam à casa de Mama Odie, personagem sábia e espirituosa que compreende os mistérios da magia. Em meio às orientações recebidas, Tiana percebe que Charlotte havia sido nomeada princesa do Carnaval, o que permitiria que o beijo dela quebrasse o feitiço de Naveen. A partir dessa possibilidade, os personagens seguem de barco para tentar resolver a situação. No caminho, Ray compartilha com Tiana que Naveen estava apaixonado por ela, informação que a surpreende e, ao mesmo tempo, acende nela uma alegria inesperada.

Nos momentos finais da narrativa, Naveen conversa com Charlotte enquanto Tiana o procura, já consciente daquilo que realmente importava para si. A jovem interrompe a conversa e expressa seu sentimento afirmando que seu sonho jamais estaria completo sem a presença de Naveen nele. Esse trecho evidencia a construção de um amor que se desenvolveu gradualmente, fruto da convivência e do afeto, em contraste com os contos tradicionais que reduzem o amor a uma espécie de recompensa oferecida à princesa salvadora ou à jovem de beleza idealizada.

Cientes do sentimento que nutriam um pelo outro, os dois voltam ao pântano e decidem casar-se mesmo enquanto ainda estavam transformados em sapos. Durante a cerimônia, celebrada por Mama Odie, o beijo entre eles acaba revertendo o feitiço, uma vez que, com o casamento, Tiana torna-se oficialmente uma princesa, o que permite que ambos recuperem sua forma humana. A narrativa enfatiza, portanto, que o amor verdadeiro encontra caminhos e que ele pode caminhar ao lado dos sonhos materiais, sem suplantá-los. Assim, Tiana realiza o antigo desejo de abrir seu restaurante, descobre o amor e constrói uma vida plena, na qual realização pessoal e afetiva coexistem de modo natural.

Nesse conto observamos que Tiana reconhece o valor do sonho profissional que sempre guiou sua vida, mas compreende também que os sentimentos que surgiram ao longo de sua jornada assumem importância semelhante. O final feliz não elimina sua autonomia nem subordina sua trajetória ao matrimônio, mas demonstra

que a mulher contemporânea pode perseguir seus objetivos, desbravar novos caminhos, construir sua independência e viver o amor de maneira equilibrada. Essa construção narrativa aproxima-se da realidade atual, em que muitas mulheres conciliam sonhos pessoais, carreira, maternidade e relacionamentos sem que o casamento represente o ápice obrigatório de suas histórias, como ocorria nas sociedades passadas.

Considerações Provisórias

A análise comparativa realizada entre o conto tradicional Cinderela e a narrativa contemporânea A Princesa e o Sapo, o sonho de Tiana permitiu compreender de maneira mais ampla como as representações femininas nos contos de fadas refletem, preservam e, em certos momentos, tencionam os valores culturais e sociais que estruturaram diferentes períodos históricos. Nos contos clássicos evidencia-se a força de um modelo patriarcal que condiciona a trajetória feminina à obediência, à fragilidade, à passividade e à dependência da intervenção masculina, reforçando padrões estéticos e comportamentais que moldaram o imaginário coletivo ao longo dos séculos. A figura da princesa associa-se, nesses casos, à realização do matrimônio e à validação proporcionada pelo príncipe, elementos que configuram estereótipos estruturantes do papel da mulher.

No conto contemporâneo observamos um movimento distinto. A personagem Tiana projeta a emergência de uma nova configuração feminina ao apresentar-se como mulher negra, trabalhadora, empreendedora e autônoma, cujo projeto de vida não se restringe ao casamento e cujas escolhas não dependem de um resgate masculino. A ruptura com padrões tradicionais de beleza e comportamento amplia significativamente as possibilidades de representatividade e abre espaço para que leitoras diversas possam reconhecer-se nas narrativas que consomem. A literatura infantil, dessa maneira, revela-se como espaço privilegiado para a construção de imaginários mais plurais e sensíveis às transformações sociais que marcaram o papel da mulher nas últimas décadas.

Os resultados deste estudo mostram que a literatura infantil exerce papel central na formação de identidades e no desenvolvimento crítico das crianças, uma vez que suas narrativas apresentam valores, modos de ser e expectativas sociais que influenciam a percepção do mundo. A compreensão de que os contos tradicionais são produtos de seu tempo reforça a importância de leituras mediadas que problematizem

seus estereótipos, ao mesmo tempo em que os contos contemporâneos oferecem caminhos para uma educação literária mais inclusiva e consciente. A presença de protagonistas como Tiana evidencia que é possível aliar fantasia, representatividade e autonomia, permitindo que meninas e meninos visualizem modelos de convivência e de protagonismo mais alinhados à complexidade do mundo atual.

Dessa forma, conclui-se que os contos de fadas continuam sendo um território simbólico em disputa, capaz tanto de reproduzir estereótipos de gênero quanto de renová-los e ressignificá-los. A renovação dessas narrativas amplia sua potência pedagógica e literária, favorecendo a formação de leitores críticos capazes de reconhecer, questionar e reconstruir as representações de feminilidade e masculinidade presentes no imaginário social.

Referências

BATISTA, Edilene Ribeiro. *A Cinderela sob a perspectiva de gênero*. v. 13, 2011.

BENSI, Rosilane Beck; CAVALCANTE, Claudia Garcia. *Desconstrução de estereótipos através de histórias e contos infantojuvenis*. Paraná, 2016.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sara K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 2013.

BOLTEN, Vitória Tiggemann. *Representações do feminino: a literatura infantil e a guerra aos estereótipos das princesas ocidentais clássicas*. Porto Alegre, 2019.

BREDER, Fernanda Cabanez. *Feminismo e príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney*. Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Carla Nicácio. *As entrelinhas dos contos de fadas: ponte para eternizar ideologias*. Bauru, 2013.

MENEZES, Carolina Schneider. *A evolução das mulheres pelos contos de fadas e suas representações no universo feminino*. Rio Claro, 2017.

PEREIRA, Carliane Martins et al. A representação feminina nos contos de fadas: uma análise a partir do conto Cinderela. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade – RICS*, São Luís, v. 4, n. esp., jul./dez. 2018.

PERRAULT, Charles. *Os contos de fadas de Charles Perrault*. Ilustrado por Harry Clarke. Introdução de Thomas Bodkin. Londres: George G. Harrap, [1922]. Disponível em: <https://archive.org>. Acesso em: 25 dez. 2012.

PIMENTA, Luciana Mendes. *A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais e contemporâneos nas obras Cinderela e Procurando Firme*. Amazonas, 2016.

SANTOS, Jennifer Oliveira dos. *O impacto dos contos infantis na formação social, emocional e psicológica das crianças na educação infantil*. Brasília, 2020.

SANTOS, Maria do Carmo Gonçalves; SOARES, Amanda Teresinha Gomes. Era uma vez: os contos de fadas e as relações de gênero na perspectiva das professoras. *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, v. 1, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVA, Adenice dos Santos; OLIVEIRA, Leicidalva de. *Alice no País das Maravilhas e Branca de Neve: as meninas mocinhas e os estereótipos femininos nos clássicos contos de fadas*. Jacobina – BA, 2016.

SILVA, Patrícia Vieira; RODRIGUES, Emer Merari. *A romantização nos contos de fadas: a representação da inferioridade nas mulheres*. Luziânia, v. 2, 2021.

SOUZA, Andressa Castro Priori de. *A representação feminina nos contos infantojuvenis pós-modernos: regularidades e dispersões discursivas*. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

VICENTE, Eliane Pereira. *O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm*. 2014. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ZAMBON, Aparecida Sueli. *Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis*. São Carlos, 2009.